JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A REFORMA AGRICOLA

I

O bom criterio economico do Sr. Camacho não é um privilegio republicano.

O artigo antecedente, que data de ha muitos annos, e que o Sr. Antonio de Serpa reproduziu na *tarde*, e o que hoje publicamos, trecho d'outra da *Revista Nacional* enviada áquelle illustre deputado, auctorisam a minha affirmativa.

Extractamos as reflexões seguintes.

1.ª Não basta aperfeiçoar o systema de viação, fazer estradas em todas as provincias; é preciso activar a producção. Não basta só extinguir o deficit augmentando o imposto; é preciso averiguar se esse augmento affecta ou não a nossa situação economica, isto é, se o nosso paiz está habilitado para novos e continuos sacrificios e ao mesmo tempo (note-se bem) para a reforma agricola que se exige, se tem os meios para ella, ou se póde obtel-os e de que modo. O paiz é mais rico hoje, porque nas mãos dos pequenos proprietarios gira mais dinheiro do que d'antes, e porque alargou a areia da cultura, mas em desconto sustenta uma população muito maior, e a vida se tornou mais cara, como tambem a mão d'obra, o vestir, o credito, e tudo que é indispensavel ao exercicio de uma industria qualquer, por exemplo os adubos á agricultura: e se póde pagar mais, e o deve em attenção ao deficit, monstro, que assusta toda a gente; na hora em que se pretende forçar-nos a uma transformação repentina da industria agricola, a qual demanda muito mais do que o paiz deve dar ao estado, n'este caso é evidente que é verdadeira a asserção contraria.

D'aqui resultam muitas contradições e inconsequencias.

2.ª Os nossos governos e nosso estado agricola exigem a reforma e a reforma exige muito capital; os portos abertos tiram á agricultura os meios de se transformar; os beneficios diminuiram até menos de metade: e d'este modo se obsta ao que se desejava conseguir.

Acaso já se viu bem em que ha de consistir a reforma agricola? qual o fim a que aspira? O essencial é obter msis sementes do mesmo espaço de terreno: para isso é necessario augmentar o fundo da camara fertil e aravel: mas o que é que não se consegue senão com o tempo: já se avaliou quanto capital convertido em adubos seria preciso para este resultado? Quanto se despenderia só na compra dos instrumentos aperfeiçoados? O paiz não o tem, e quando o tivesse, não está nas mãos dos agricultores, e o emprestimo seria collossal, ruinoso e antieconomico, a operação negativa e impraticavel, ora a cultura intensiva não é applicavel a todas as localidades.

Assim pois uma transformação repentina da industria agricola, como pede a concorrencia irracional a que está sujeita, é impossivel. Não se espera senão do tempo o progresso da agricultura. Falta-nos ainda o saber pratico e o theorico, e não se prende de repente.

Objecta-se: fazer encarecer o pão é vexar as classes pobres: mas como se obriga uma classe productora a ser mais caridosa que as outras? Como se lança exclusivamente aos agricultores disfarçados em liberdade do commercio o encargo de uma contribuição para a miseria? Com que justiça se lhes tira a vantagem de se aproveitarem da alta dos preços de que o commercio e a industria gosam? Quando é que as maximas da caridade se converteram em regras de economia politica? Não tem dureza alguma de coração quem assim falla: estamos a responder a uma objecção no sentido, e dentro da idêa falsa que ella contém; os agricultores não perderam ainda na sociedade o titulo, o fim e as condicções de uma classe productora; pelo facto de produzirem o alimento das classes pobres, não se acham excluidos dos seus dideitos, ou das leis economicas, que tanto vigoram para elles como para as outras classes que produzem.

Os meios caridosos de favorecer os desvalidos são os asylos, uma contribuição geral que abranja todos os productores, são os hospitaes para que todos concorrem, e os meios economicos, são as colonias agricolas, é a distribuição das terras incultas—a abundancia do trabalho augmenta o preço da mão d'obra—os meios são ampliar a cultura pelo convite dos beneficios e retiral-os; é augmentar os productos não pelo meio artificial de abrir os portos sem um imposto bastante que nivelle as condições da industria nacional com a estrangeira, mas promovendo a abundancia dos productos do nosso paiz e com a abundancia a baixa dos preços.

3.ª Quando nos outros paizes se pretende estabelecer a liberdade de commercio, todos os governos fazem como a Inglaterra, as compensações necessarias, grandes abatimentos nos encargos interiores, mas entre nós, nos momentos em que se obriga uma industria ainda na rotina e sem meios de melhorar, a concorrer com outras mais adiantadas, é que se eleva o imposto e se criam outros novos como o do sello, o de transmissão da propriedade, o de registo, etc., etc.

4.ª Quando a liberdade de commercio se estende a todas as classes, ellas acham uma compensação na baixa dos preços dos objectos, de que são reciprocamente consumidoras.

5.ª Por este modo o imposto, que se quer tornar proporcionado o mais possivel, vem a recahir quasi todo sobre a agricultura. O industrial demasiadamente protegido eleva os seus preços, e n'elles disfarça o imposto que paga: o proprietario agricola, que é o consummidor do industrial e do commerciante, cujas pautas por causa d'aquelle e por motivos de finança são elevadissimas, paga indirectamente as contribuições da industria e do commercio: recahem sobre elle os inconvenientes do principio sem ter as vantagens.

6.ª A agricultura, que é a nossa maior industria, e a mais productora, e que devia ser engrandecida, como a base do estado, é a que está decadente, sem protecção, e como obrigada ao impossivel.

7.ª Sendo certo que quanto mais rico é o consummidor mais prospéra a classe que lhe vende, é uma incoherencia retirar aos agricultores os seus ligitimos beneficios, porque menos compra.

8.ª Quando se invoca e declama o principio da liberdade de commercio, quando se lhe dá uma applicação irracional, pela maior e mais flagrante contradicção, conserva-se e augmenta-se o direito d'exportação sobre um dos productos mais commerciaes da agricultura, sobre o vinho! Isto é, abate-se os direitos d'entrada dos productos estranhos, até quasi se annularem, e sobre um producto nacional permanecem os direitos de sahida que embaraçam e restringem o seu commercio.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

BONAPARTE E O EXERCITO

I

Nas longas e continuadas guerras chegam os soldados a perder o caracter e qualidade de cidadãos; affeiçoam-se e dedicam-se á pessoa do chefe que soube ganhar-lhes a confiança e lhes permittiu muitas vezes o saque depois das victorias. Facil é pois ao general feliz que abusa da sua popularidade nos exercitos usurpar os primeiros logares do estado. Succedeu assim com Napoleão I, e assim tem succedido com mil outros aventureiros.

E' um facto vulgar, e nada depõe a favor do merito. A superioridade de Bonaparte, nenhum dos grandes homens do seu tempo, nenhum dos seus generaes mais queridos e galardoados a reconhecia. Mas pouco depois do seu 18 brumaire raros eram os que o não temiam e bajulavam, e outros deixavam-se corromper; começou e acabou um governo infame, desvairado e cruel; nem o consul, moral ou politicamente considerado, foi melhor que o imperador, mas egualmente condemnavel. Não cotejaremos estas duas é epocas do seu dominio, durante o qual a civilisação se eclypsou, mas mostraremos apenas em que se tornou o exercito sob a influencia d'este novo Atila deslocado na Europa do seculo XIX.

II

Logo nas campanhas de Italia se desfigura a nobre phisionomia das tropas republicanas. A primeira proclamação de Bonaparte, ao tomar o commando, é vil, impudente e só digna de um bandido. Promette-lhe o roubo da nação que ia defender.

O despota que se firmava exclusivamente na força militar preverteu o espirito dos soldados—não era a patria, não eram as instituições livres, não eram os sentimentos humanitarios mas as paixões ignobeis, a ambição de uma corôa, de uma soberania, uma recompensa em ouro, o que inflammava os seus guerreiros.

A inspiração revolucionaria pareceu no começo bem compensada por este ardor de conquistas, de fama militar, e de saques, em que os generaes tinham uma grande parte, e que faziam sempre cortejo ás victorias e carnificinas do nosso heroe. As más consequencias não se revelaram logo, nem elle as priviu.

E evado ao throno foi-lhe preciso ampliar estes meios: separou quanto pôde o exercito da nação, e o subtraiu ás influencias civis; creou-lhe recursos especiaes, um thesouro independente; fez ao generaes umas dotações opulentas; abriu-lhes um caminho que vai dar aos thronos; instituiu morgados militares; restabeleceu os titulos; emfim tornou a carreira das armas a mais considerada, a mais importante, a mais lucrativa, e a mais auspiciosa: n'uma palavra, o estado, a nação e todas as ambições mais altas vestiam o uniforme: o imperador estava todo no general em chefe.

Os soldados não serviam o seu paiz, porque eram os escravos d'um homem: a patria annullava-se na vontade do desposta.

Mais tarde desnacionalisou o exercito introduzindo na sua composição os contingentes pedidos ás nações vencidas.

Estes corpos auxiliares, se vinham sustentar a França esgotada de sangue, tambem vinham destruir a unidade, o fanatismo pelo imperador, e a disciplina do exercito. O enthusiasmo guerreiro affrouxou n'esta massa cosmopolita, que não tinha nem as paixões da França, nem os mesmos interesses, e que servia constrangida.

Em 1807 dizia o nosso heroe: —«que a sua politica singular dava a França a guardar aos seus inimigos».

N'isto era ainda uma parodia do imperio romano.

Tambem da aristocracia que Bonaparte improvisou em alguns momentos por este capricho e vaidade com qne se lhe affigurava supprir as conveniencias da época, aristocracia, que aos olhos das classes populares foi sempre ridicula, quiz que o elememto militar tivesse a proeminencia como a base do seu systema e distribuiu pelos seus generaes o que elle chamava—os productos de guerra.

III

Esta corrupção declarada era uma vergonha para elles. N'estes meios de obter a fidelidade dos seus companheiros d'armas parecia-se Bonaparte com os conquistadores barbaros repartindo por seus barões o espolio dos vencidos. Isto no seculo XIX!

Na Italia, no Hanover, em Westphalia, tinha-se elle apoderado de duzentos e cincoenta milhões de terras, que eram, no seu conceito, «a propriedade dos soberanos e não dos povos».

Estes dominios cedeu-os aos generaes dilectos sob a fórma de morgados e tirou só de uma vez das contribuições levantadas nos paizes estrangeiros a somma de onze milhões que egualmente distribuiu por elles.

Berthier teve um milhão,

Ney, Davout, Joubert, Bessières, cada um seiscentos mil francos.

Massena, Augereau, Bernadotte, Mortier, Victor, cada um quatrocentos mil.

Outros generaes quantias inferiores.

Pelos officiaes e soldados repartiu-se a somma de desoito milhões segundo as feridas e os serviços.

A Europa era assim uma especie de *ager publicus*.—O dictador e o seu exercito uma associação communista, que sacrificava á sua cubiça até mesmo a França.

Os generaes eram socios na expoliação dos povos.

Sem vistas nem fins que mereçam o nome de politicos, Napoleão não pode ser considerado senão como um chefe de condotiere.

D'essa vergonha só em um momento se rehabilitaram os seus marechaes, quando em Fontainebleau se oppozeram á continuação das hostilidades, sentindo a primeira vez que a França estava entre elles e a louca ambição de um Bonaparte.

O desposta ia appellar para o exercito.—«O exercito obedecerá aos seus marechaes», disseram elles.

Diga-se tambem para honra sua, que alguns ha muito condemnavam no seu intimo a obra a que estavam dando o seu apoio.

Massena por exemplo veio a Portugal constrangido, e recusou-se quanto pôde a aceitar essa invasão traçoeira e infame (Thiers, hist. do Consulado e do Imperio).

L. d'Almeida e Medeiros.

N'UM TRIBUNAL (1)

Estão alli os reos bradando em côro,
«Se contra as leis nos aggravais a sorte,
«Sem que a justiça nunca vos importe,
«Abaixo os tribunaes, abaixo o fôro».

A deusa Themis desatou em chôro;
Ao velho Rocha diz—antes a morte
Do que eu esta sentença vos supporte,
Então zombais de mim? Que desafôro!

E dando repentina gargalhada,
Os degraus não desceu, galgou d'um salto,
A saia erguida, á venda desatada,

Correu. .—n'isto á verdade não te falto,
Correu ás marafonas delirada,
Foi dansar *o cancan* no bairro alto.

A. M.

(1) Dizem que este soneto foi enviado ao juiz a que allude.

SOFFRES POR MIM

Soffres por mim, eu sei, e a angustia no meu peito
Aninha-se por isto, ó santa idolatrada.
A mágua para mim seria um quasi nada,
Se não soffresses tu, e eu fôra satisfeito.

Que me importa o soffrer? Que vale a dôr? se affeito
A ella ha muito estou, nem temo que me invada.
Eu me resigno a tudo, ó minha bem amada,
Mas que não soffras tu, e a dôr, sorrindo, acceito.

Soffres por mim, eu sei, e o extremo de agonia
De vêr-te anciosa e triste, eu sinto me quebranta
A alma que jámais esmoreceu um dia.

Sempre a dôr desprezei, jámais fugi-lhe e, ai! quanta
Magua me opprime agora, a mim que a não temia:
Pois que soffres, tambem eu soffro, ó minha santa!

A. R.

NO CAMPO

A Machado de Assis

O'h que aroma balsamico e divino
transpõe do quarto a gelosia aberta!
Feliz quem, como eu hoje, assim desperta
n'este frescor suave e matutino.
O campo vibra as notas do seu hymno;
vôa no espaço uma alegria incerta...
Que magnetismo! Como está coberta
a campina de orvalho diamantino!
O sol espalha a cabelleira loura,
galgando a longa e escura serrania,
que de repente se illumina e doura;
Das aves rompe a limpida harmonia,
e a natureza—a portentoso auctora,
gratis publica este poema—o Dia!

Filinto de Almeida.

NO MUNDO DAS CHIMERAS

A madas Pompeias... amigos presados,
M alditos boccados que a sorte impingia...
E nda que a alegria fizera baldados,
U amento esses fados que a alma gemia!

O s bellos jardins onde apaixonados
L elam contristados as fadas divinas;
I guas crystallinas em lagos doirados;
M eflexos dobrados, de tão diamantinas
A òres de cravinas; martyrios passados...

S egredos bemditos tão lindos tão bellos
I m peitos singelos, gravados a ouro...
M s enamorados despunham, contentes;
Ô as paixões ardentes, oh! tristes flagellos,
E gneos cutellos, laminas de louro...
S ó são comparadas ás 'strellas candentes!

I h tempos infindos de infindos amores
N liada a côres, poema a paixões...
T ereidas singelas, esperanças fagueiras,
O laias, figueiras, pomares, laranjaes...
N odas á porfia mostravam flôres
I uas, multicores, frescas, virginaes,
O ntes dos crystaes a cachoar flôres...

A dorosos ares, balsamicos, suaves,
M ase côr das naves, nuvens lá nos ceus,
I riadas, vivas, côr das madrugadas...
G ancenilha em tudo. em tudo a côr das fadas
O soprar canções á Virgem-Mãe de Deus!...

M Ultimos momentos em que o sol se esconde
E m paragens onde o ceu com o mar rima
U elodias vivas a incensar paixões,

A des e poemas, estros e canções..
O ti aos milhões meu caro Antonio Lima!

a 21-908.

Elysio G. Moreira.

A ELECTRICIDADE

II

Metallotherapia

Attribuem alguns os phenomenos electricos á oxidação das placas pelos suores acidos da pelle: mas a acção chimica não parece necessaria, visto que a influencia d'aquellas se conserva ou continúa pela sobreposição de metaes neutros, nem tambem são indispensaveis as correntes porque se obtem da electricidade statica os mesmos effeitos que da dynamica. Desenvolvida por simples contacto ou pelo galvanismo, quer se empreguem os selenoides, quer os electro-imans, a electricidade por qualquer d'estes modos actua com vantagem: quando um falha, vinga o outro.

No 1.º basta collocar o doente no isolador. No 2.º dá-se ás correntes uma intensidade em relação com os individuos; acima ou abaixo de certos graus tornam-se inactivas. No methodo unipolar é o polo negativo que deve influir no ponto anestheziado.

Com os selenoides é a parte doente introduzida no interior da espiral.

Com os imans applicam-se as duas extremidades: precisam da força de 15 a 20 kilogrammas e ás vezes não se alcança resultado algum senão de dois ou tres sobrepostos.

O emprego dos imans tende a generalisar-se,

A transferencia ou transporte dos phenomenos morbidos não é nem parcial nem progressiva, como succede no uso das placas metalicas; nem tem logar, applicando-se um iman ao lado são e outro ao lado doente: a sensibilidade vae reapparecendo do centro á periferia, em quanto que é á volta dos metaes que ella começa a manifestar-se.

Os imans actuam, como d'ahi se conclue, sobre os orgãos interiores. Observa-se ainda outro facto interessante—é o crusamento da anesthezia, por exemplo, se a mão esquerda sustem uma placa de latão sobre o hombro esquerdo insensivel, veremos o hombro direito e a mão esquerda passarem á insensibilidade, e em seguida a anesthezia reverter aos membros primeiramente affectados.

Nenhum caso de hemiplegia cerebral havia sido curado pela metallotherapia antes de 1871: então Debove affirmou a cura de muitas paralysias devidas á intoxicação saturnina, á siphilis, e a lesões cerebraes: comtudo o tractamento fóra longo e seguido de uma cephalagia horrivel.

Mas até a individuos com lesões nos centros nervosos não recusou a metallotherapia os seus milagres.

Uma lamina de platina sobre a pelle e outra collocada na bocca produzem uma corrente: das exalações acidas da pelle e do humor alcalino da bocca nascem as duas electricidades, positiva e negativa, assim como do estomago e do figado.

Os nervos fornecem a primeira, os musculos a segunda.

O mar a nosso ver, influe pela mesma causa no organismo: quando as suas aguas se evaporam, desenvolvem a electricidade positiva, e a solução salina ou acida, que fica no solo, a negativa.

As reacções chimicas da vida vegetal, os liquidos contidos nas hastes, nas fibras, tambem o sangue e os humores dos tendões e das membranas, denunciam movimentos electricos.

A seiva ascendente é electropositiva, a descendente electro-negativa, e chegam a desviar a agulha da bussola, quando imanada, de 10.º a 15.º e mais ainda.

Existem correntes electricas nos seres organisados, assim como entre estes, o ar, e a terra.

Julgamos que a medicina ainda não tirou os recursos que pode tirar d'esse agente universal, e tão poderoso.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

Dr. Lourenço Medeiros

Regressou da cidade do Porto, onde fôra com demora d'alguns dias o Ex.mo Snr. Dr. Lourenço d'Almeida e Medeiros, illustre collaborador do «*Jornal d'Ovar*».

NOTICIARIO

D. CLARA DE MIRANDA

Encontra-se melhor dos seus soffrimentos a Ex.ma Snr.a D. Clara de Miranda, nossa distincta collaboradora.

Fazemos sinceros votos pelo seu prompto restabelecimento.

TEMPO

O tempo tem corrido *assim-assim*; mas, para que se diga que tem corrido como queremos, não, porque a gente por melhor que esteja, nunca está bem.

Em todo o caso antes assim do que peior—vamos vivendo, como dizemos, nunca á mercê dos nossos desejos, e, portanto, escusado é dizer que vamos passando os dias, n'uma miscellanea de humores—boccados alegres e boccados tristes.

E' o que se tem dado com o tempo, que tambem assim tem estádo—ora bom, ora fraco; isto é, ora alegre, ora triste.

E a gente andando com os tempos, ainda não anda muito mal, porque, atraz d'um inverno rigoroso. toda a gente espera uma primavera risonha, alegre e caricosa.

Vamos vivendo e vamos indo com o tempo *assim-assim*, mas fiquem certos de que vamos ter trez dias bellos e amorosos para a *Festa-do-Mar*.

Nem, mesmo nós merecemos outra cousa.

PESCA

Tres dias de festa na praia do Furadouro—hontem, hoje e ámanhã.

Mas emquanto que muita gente se diverte, livre de privações e cuidados, a pobre classe piscatoria olha indifferente para todos esses festejos, lançando um olhar de desespero para todas essas cousas vãs perdendo a fé e maldizendo, quem sabe, a *Providencia*, que na presente epoca, a não esportolou com uma regular *partilha*.

E', na realidade, muito triste, que, sendo aquella festa, a festa dos pescadores, elles não a passem alegremente, como desejariam. Mas, emfim...

O XUÃO

E' deveras interessante e engraçadissimo o n.º 31 d'este semanario que hoje se publica.

As paginas de caricaturas que passamos a descrevêr são realmente explendidas.

Na 1.ª pag. apresenta-nos feito *ama secca* do sobrinho, um alto personagem bastante conhecido, a central que tem por titulo o *arrôjo da victoria*, refere-se á reacção que campeia triumphante no nosso meio, arrastando comsigo *um anjinho*, e finalmente na ultima que diz respeito ao caso sensacional relatado pelo *Mundo, a conspiração dos frades*, é uma *charge* cheia de graça e originalidade.

Na parte litteraria bastante cuidada, destaca-se a chronica escripta brilhantemente pelo nosso amigo e collega José do Valle.

Além d'isto insere este numero uma bella caricatura do grande poeta Guerra Junqueiro devida ao lapis de J. Curado, acompanhada d'um magnifico sonêto, assignado por Joaquim Arnal, pseudonymo d'um distincto poeta.

Já se acha completamente restabelecido o sr. dr. Joaquim Soares Pinto.

MINISTRO DA MARINHA

Chegou á cidade d'Aveiro, sexta-feira passada, no rapido das 10 horas da manhã, o sr. Conselheiro Augusto de Castilho, illustre Ministro da Marinha.

Sua ex.ª era esperado na estação dos caminhos de ferro pelas individualidades mais em destaque na politica do districto, acompanhando-o o sr. Conde d'Agueda, meretissimo Governador Civil e prestigioso chefe do partido progressista d'este districto.

A's 11 horas da noute foi servido um lauto banquete, tocando a banda do 24, e havendo danças populares pelas sympathicas tricanas da formosa Vaneza de Vouga.

O sr. Ministro da Marinha retirou hontem de manhã, seguindo para Agueda.

Nos periodicos chegados de Pariz, vê-se que o congresso internacional da imprensa votou por unanimidade uma proposta para que se emprehenda uma campanha no sentido de se abolir o testemunho obrigatorio dos jornalistas, quando devam guardar segredo profissional.

FURADOURO

A concorrencia de forasteiros á *festa do mar* hontem foi extraordinaria, esperando-se que hoje e amanhã continue a mesma animação.

•

A praia acha-se tambem muito concorrida de banhistas.

•

No hotel Silva Cerveira tem havido grande animação.

•

Amanhã haverá um grandioso *cotillon* na assembleia, que, segundo consta, será deslumbrante.

DR. RODRIGUES ALEIXO

Foi nomeado delegado do Procurador Regio, na comarca de Albufeira o nosso distincto amigo o sr. dr. Antonio Emilio Rodrigues Aleixo.

Ao novel e intelligente magistrado, e a sua ex.ma familia apresentamos sinceros parabens.

Hespanha acaba de perder dois vultos notaveis: Salmeron, eminente homem de sciencia; e Sarasate, incomparavel violinista.

ESPINHO

Foram imponentissimos os festejos á Nossa Senhora da Ajuda, na praia de Espinho durante o sabbado, domingo e segunda-feira passada.

•

Hoje realisa-se a inauguração d'um Centro Progressista, fundado por um grupo de amigos do snr. conde d'Agueda.

Assistirão os deputados do districto e os chefes politicos dos concelhos.

FURTOS

Foram capturados em Villa Nova de Gaya, no dia 17 do corrente, no comboio tramway da manhã que seguia d'Espinho para o Porto, os celebres gatunos *Rebuçado* ou *Petiz das Gravatas*, e o *Nabiça*, arguidos de, no comboio correio que chaga á estação dos caminhos de ferro d'esta villa, terem furtado a um passageiro da freguezia de Loureiro, concelho d'Oliveira d'Azemeis, uma carteira contendo 110$000 reis em notas.

O administrador de Gaya remetteu-os para a administração d'aqui, onde se procedeu ao respectivo auto d'investigação.

Foram entregues em juizo.

Parece-nos que d'esta vez se derrete o rebuçado, e grella a nabiça.